

Márcio El-Jaick

PARA A SUA JUKEBOX

edições
GLS

PARA A SUA JUKEBOX

Copyright © 2011 by Márcio El-Jaick

Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Editora assistente: **Salette Del Guerra**

Projeto gráfico e diagramação: **Acqua Estúdio Gráfico**

Ilustrações: **Kiko Oliveira**

Capa: **Gabrielly Silva**

Imagem da capa: **Marvy!/ Corbis (DC)/ Latinstock**

Impressão: **Sumago Gráfica Editorial Ltda.**

Edições GLS

Departamento editorial
Rua Itapicuru, 613 – 7º andar
05006-000 – São Paulo – SP
Fone: (11) 3862-3530
<http://www.edgls.com.br>
e-mail: gls@edgls.com.br

Atendimento ao consumidor
Summus Editorial
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado
Fone: (11) 3873-8638
Fax: (11) 3873-7085
e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

NO ESCURO

Se não fosse o caso vá lá, mas a real é que sou um cara megaestranho, capaz de uns lances bizarros tipo ler um livro inteiro, mergulhar de cabeça na história, chegar ao fim e não conseguir explicar qual é o enredo se me perguntam algum troço tipo do que trata o livro, ou não conseguir me lembrar de nada, a não ser uns momentos, tipo cenas determinadas e o feeling do livro, que também é um lance que eu não saberia explicar o que é, como se explica o feeling de um livro. E não é que eu não tenha entendido a história enquanto estava lendo, porque mergulho de cabeça e entendo as paradas, consigo me emocionar e tal, quando é o caso de se emocionar, e rir, quando rola uma piada, mas depois é como se não tivesse ficado nada registrado e eu partisse do zero.

Ou ser capaz de pensar uns lances bem sinistros, como “Eu não sei conversar” ou qualquer outro troço assim bem barra-pesada, e depois não conseguir mesmo conversar, aí a Nara me deixa sozinho com a mãe dela na mesa de jantar e pareço débil total porque não consigo responder às perguntas mais idiotas. É superlouco e começa do nada, quando surge na cachola por exemplo qualquer coisa tipo “Não sou uma pessoa interessante”, então viro o cara menos interessante do universo porque me transformo num bolha que não sabe responder às perguntas mais imbecis nem consegue explicar o enredo de nenhum livro, por mais livros que tenha lido. Porque sou um cara que lê bastante e tal, mas é o caso de me perguntar se vale a pena, se depois volto à estaca zero porque não ficou nada.

Na boa que chega a ser engraçado.

Sou capaz de dizer “Não vou conseguir dormir”, mano, a parada vai a esse cúmulo. Quer dizer, não digo mesmo “Não vou conseguir dormir”, que seria sinistro demais, mas meio que sugiro ou meio que pergunto a mim mesmo, tipo na cachola: “E se eu não conseguisse mais dormir?” Aí amargo várias horas tentando pegar no sono, mas o sono é um troço que só vem quando a gente não para pra pensar no assunto, porque se tu fica pensando no momento em que passa do estado acordado para o estado dormindo fodeu. Sei disso por experiência.

Aí tenho que tomar um comprimido roubado da farmácia do meu pai, o que pode ser deprimente pra burro.

Mas o caso é que tenho esses lances, umas doideiras.

Sou capaz de passar o dia inteiro tentando estudar, com o caderno aberto na mesma página, e não conseguir passar daquele ponto, tipo a fecundação cruzada das planárias ou o valor da aceleração centrípeta no movimento circular, porque estou de badalo duro, pensando merda.

Como na véspera do meu aniversário de 17 anos.

Parece que estou vendo a minha mãe fazer a massa do bolo com aquela paciência surreal, derretendo chocolate, batendo claras em neve, juntando maisena, farinha e tal, só que não as nozes que a receita pede mas eu não curto e não aquela quantidade toda de passas, que prefiro menos. Parece que estou vendo ela preparar a cobertura enquanto o bolo assa, depois cobrir tudo com a calda e deixar esfriar em cima do fogão, enquanto eu me reviro de um lado pro outro na cama, com o livro de matemática aberto na Unidade 14: Progressões Geométricas, lendo trezentas vezes que “progressão geométrica é uma sequência de números não nulos em que cada termo posterior, a partir do segundo, é igual ao anterior multiplicado por um número fixo chamado razão da progressão” sem entender neca, porque na real estou pensando no Tadeu comentando com o Sérgio uma bossa sexual da noite anterior. Quer dizer, é claro que também dou esses azares, saca? Tipo, o Tadeu podia sentar em qualquer carteira da sala, que é uma sala grande e tal, de quarenta e tantos alunos, mas ele foi sentar atrás de mim.

O que acontece é que chega uma hora em que não dá mais para ficar rolando na cama de badalo duro e o negócio é bater a desejada. Mas aí a tarde já se foi, você não estudou nada e o que sobrou foi só a necessidade de limpar a barriga e uma sensação suicida. E, quando para piorar você vai à cozinha e descobre que nesse tempo em que você estava se acabando no

quarto, batendo mais uma ilustrada pelo Tadeu, a sua mãe estava se acabando na cozinha, fazendo um bolo pra você, aí é a morte.

Eu não curto matemática. Não curto química. Não curto geografia. Não curto história. Mas não tem nada que eu descurta mais do que física, que é uma parada que não entra na cachola por mais que eu me esforce, embora tenha um conceito no qual eu me amarro, que é o da “inércia”, ou primeira lei de Newton, que diz que, “na ausência de forças, um corpo em repouso continua em repouso e um corpo em movimento move-se em linha reta, com velocidade constante”, que acho uma ideia meio tranquilizadora, que me enche um pouco de paz e tal, quase como se eu ouvisse um som do Tom Waits. Mas no geral física é uma parada impossível. Então a vontade é mandar tudo para o alto, ainda mais agora que foi dito oficialmente que está nas minhas mãos.

Quer dizer, o Hamilton entrou na sala com aquela cara de susto dele — a testa franzida numa carranca, os óculos dividindo o rosto de maneira meio cômica —, jogando as piadinhas de sempre para ver se alguma cola, e nunca cola, o que é quase constrangedor, se não fosse hilário. E disse que, agora que estamos no terceiro ano, não temos mais que passar de série e somos nós que vamos decidir o que queremos da vida e se queremos passar no vestibular e para que universidade, uma ladainha braba que no fim me deu um estalo e me fez sentir uma liberdade macabra, do tipo “Sou eu que decido a minha vida”, mas ao mesmo tempo me deu um tranco sinistro, porque descobri que era uma liberdade com peso, como se botassem uma arma na minha cabeça. E vi que o Hamilton queria mostrar para a gente que a liberdade não é um passarinho voando pelo prazer de voar, é o passarinho voando para fugir dos animais que vêm antes dele na porra da cadeia alimentar.

Isso no primeiro dia de aula, quando eu ainda não tinha nem parado para pensar em universidade e escolha de profissão, porque até então vinha só tocando a vida, estudando para as provas quando tinha prova e me saindo relativamente bem, porque nunca fui desses caras que sempre souberam que queriam ser médicos ou engenheiros. Só sabia que não queria ser médico nem engenheiro. Nem advogado. Que também de repente todo mundo queria prestar vestibular para direito e ser advogado, defensor, promotor, juiz, um caminho seguro ao pote de ouro, o que é compreensível e tal, mas deprimente pra burro.

Então de uma hora para outra eu estava abrindo *O guia do estudante: Cursos & profissões* para ver minhas alternativas entre *105 profissões uni-*

versitárias e 26 cursos técnicos. E mais: Vestibulares e vagas. Todas as faculdades do Brasil. Mercado de trabalho: o que dizem os profissionais. Bolsas de estudo. Liberdade com arma na cabeça.

A Nara sabia que queria fazer jornalismo, porque curtia escrever e a professora de português sempre elogiava as redações dela. Além disso, a Nara tinha feito um lance de orientação vocacional com uma psicóloga picareta que passava uns testes bem xelentos, com umas perguntas meio inacreditáveis, tipo “Que atividades você faz ou gostaria de fazer no seu tempo livre?”, seguidas de opções como: Assistir a filmes sobre advogados; Visitar exposições de arte; Entender como funciona o corpo humano; Desmontar aparelhos domésticos; Acompanhar a cotação do dólar; Conhecer melhor o laboratório da escola; Entender como é feita a previsão do tempo; Ouvir os problemas de seus amigos. Um lance realmente bizarro, que não fica por aí, porque, quando não estava passando esses testes, a psicóloga estava inventando umas brincadeiras surreais tipo dividir o grupo em duplas e pedir que uma pessoa da dupla fosse vendada e a outra pessoa a conduzisse pela sala, depois inverter os papéis, para descobrir quem gosta de conduzir e quem gosta de ser conduzido. Entrei num escangalho de rir quando a Nara me contou isso, mas ela estava levando a sério e ficou meio bronqueada na hora. Depois viu que a parada era ridícula e a gente passou um tempo nessa de conduzir um ao outro pela sala, só que ao contrário, quem estava vendado conduzia. Mas encurtando: tinha dado lá também, na orientação vocacional, que o negócio dela era escrever, então a Nara estava segura do que queria, o que era bom por um lado e, por outro, era meio punk, porque a relação candidato-vaga para jornalismo era bizarra.

Eu curto escrever e tal, mas não tenho paciência. Prefiro ler.

No dia do meu aniversário, foi a minha mãe que insistiu para fazer o bolo e convidar pelo menos a Nara para cantar um parabéns, que eu estava meio sem vontade de comemorar. Mas também estava meio sem vontade de insistir que não queria, então concordei e foi bacana. Depois a Nara e eu rumamos para o meu quarto e ela disse que tinha finalmente trepado com o Trigo, com quem estava ficando há uns meses. Eu disse que tinha comprado o último disco dos Smiths.

Mas botamos para tocar The Cure, que a gente se amarrava em cantar junto, e ficamos deitados na cama, descobrindo novas ruazinhas no mapa que crescia no teto, meu braço sobre o dela, as nossas cabeças quase se tocando, a gente tem uma intimidade macabra.

A Nara puxou do bolso um cigarro, que revirou antes de acender fechando de leve os olhos, um charme surreal que deixa os caras meio loucos, separando um pouco os dedos na hora de tragar, com aquelas unhas vermelhas. Aí se levantou para abrir a janela, soprou a fumaça para fora e ficou me encarando.

— Foi bom demais.

Na real, eu não curtia ouvir a Nara me contando as bossas sexuais dela, porque elas me davam um baita tesão, eu acabava batendo uma na visualização das histórias e me sentia megamal depois. Mas ela queria falar.

— O cara manda bem, bubala.

Olhei para a parede, a minha colagem: Morrissey entre Tina Turner e David Bowie, o símbolo da paz entre o cartaz de *Christiane F.* e a capa de *Sticky Fingers*, uma das Top Ten de todos os tempos, criada pelo Andy Warhol. Um pôster do Renato Russo. A capa de *Touch*, Annie Lennox sinistra de cabelo vermelho e máscara nos olhos. O retrato da Jane Fonda, em homenagem ao meu pai, que se amarra nela.

Eu não sabia o que responder.

— Ah.

— Tem pegada, sabe? Um corpo delicioso.

Que ela descreveu: uns pelos macios, o pau cheiroso, mãos de artesão. Porra.

Às vezes eu achava que a Nara sabia de mim, para entrar nesse grau de detalhes. Mas o assunto nunca surgia, ou eu nunca deixava que surgisse. Ela me passou o cigarro e ficou dançando de frente para o espelho, cantando *We're so wonderfully, wonderfully, wonderfully, wonderfully pretty*, enquanto eu olhava a dança, ainda pensando no Trigo, campeão das carcagens, mandando bem com seus pelos macios, pau cheiroso e mãos de artesão.

— Dança também — pediu ela, me puxando pela mão.

Fiquei ao lado dela, encarando a minha imagem, meio sem saber o que fazer, me mexendo sem jeito, até porque estava de badalo duro.

— Você não gosta de dançar de frente para o espelho?

— Gosto — respondi, dando uma tragada, que soltei devagar para cima. — Mas só no escuro.

A Nara riu, bateu com a cabeça no meu peito, roubou o cigarro da minha mão, aumentou o som e foi até a porta para apagar a luz.

A gente dançou.

E depois que ela foi embora bati uma tentando não pensar no Trigo. Só que era o tipo do troço impossível.

* * *

Eu curto desenhar e tal, mas a ideia de prestar vestibular para desenhos industrial não me faz a cabeça. Achei bacana descobrir que existe um curso chamado oceanografia, que me interessou meio de cara porque me amarro no mar e em tudo que vem do mar, tipo a fauna marinha e aquele mundo existindo lá embaixo enquanto a gente está aqui sem se dar conta. É engraçado isso, aliás, porque teve uma época em que eu achava que o mundo só existia pra mim, como se na real fossem vários cenários que só se armavam quando eu chegava, porque só eu existia. Essas pirações que já disse que tenho. Oceanografia também me interessou porque eu tinha acabado de assistir a *Imensidão azul* no cinema com a Nara. Aí já viu, eu me imaginava o próprio Jean-Marc Barr mergulhando nas profundezas geladas. Pensei ainda que seria bacana turismo, porque gosto de viajar. E letras, porque curto ler, mas desisti porque descobri que depois da faculdade teria que dar aula.

Eu queria fazer capa de disco.

Ser fotógrafo da *National Geographic*.

Ou pop star, já pensou, eu que adoro cantar debaixo do chuveiro e já passei horas tentando criar o autógrafo perfeito.

Grafitista profissional também era definitivamente uma.

Meus pais nunca impuseram nada. São criaturas meio à frente do seu tempo, eu acho. Sempre me deixaram fazer o que eu queria, só me pedem pra botar a mão na consciência, o que é até justo. Então, quando vejo os pais de uma galera conhecida estipulando horários e sendo bem escrotos, dou graças a Deus por ter os meus. Quer dizer, no fim, pode ser que dê tudo errado e a gente veja que essa educação é 100% inviável. Sei lá, a minha irmã virando puta e eu, que já sou veado, encarnando o traficante procurado pela polícia.

Na real, o meu pai podia ter sugerido que eu fizesse farmácia ou administração para continuar o negócio dele, sei lá, ampliar, abrir uma filial ou várias, quem sabe de repente me transformar no todo-poderoso dos xaropes e unguentos da cidade. Mas não. Ficou na dele, curtindo seus vinhos & livros históricos, com bossa-nova em volume de música ambiente, volta e meia só nos alertando com alguma máxima tipo “O homem é o lobo do homem” ou “As revoluções são a locomotiva da história”. O cara é socialista de coração, um exemplo a ser seguido. E não estou dizendo isso só porque é meu pai. Eu me lembro de uma vez, quando ainda era

pirralho e tal, e tinha acabado de ganhar uma espingarda de chumbinho. Nós encontramos uma cobra na subida de terra da nossa casa e pensei: maneiro. Peguei a arma e mirei na cabeça do bicho, que pra ser totalmente sincero era uma cobrinha meio xexelenta, aí o meu pai disse:

— Mas tão de perto? — E me ensinou que: — É covardia.

E aconteceu uma parada sinistra, porque comecei a ver a cobra não mais como caça, mas como uma criatura, sei lá, não sei explicar. Mas tive uma ideia.

— E se a gente não matar?

Quer dizer, eu tinha corrido até em casa para pegar a espingarda, o suor já estava colando a minha camisa no corpo, era de imaginar que aquela animação toda fosse se transformar numa frustração macabra com a ideia de desistir de matar a cobra, mas o que rolou foi quase alívio quando o meu pai respondeu:

— Claro.

Um exemplo a ser seguido, sabe qual é?

Só que não bastava não matar a cobra, na real agora eu percebia que ela tinha umas manchinhas verdes, fiquei pensando se seria filhote. Mas enfim: era preciso tirar a cobra do meio do caminho, para que ela não fosse achada por outro menino com espingarda de chumbinho cujo pai não o alertasse sobre a covardia de atirar de perto e tal. Pode parecer paranoia, mas o mundo tá cheio desses meninos, com esses pais.

O meu pai pegou a cobra com o cano da própria espingarda e levou ela para o mato. Voltamos para casa e notei que eu estava me sentindo bem. Só que sou um cara que custa a aprender as coisas.

Uns dias depois, estava brincando de tiro ao alvo com o meu vizinho no quintal de casa, a gente prendia o papel com desenho de alvo numa estaca, dava uns passos atrás e tentava acertar. Meu vizinho era meio péssimo, eu também. E era uma dessas tardes que não passam, que na real parecem ter mais horas do que um dia inteiro. Aí ouvi uma lagartixa correndo pelo barranco e voltei o cano da arma na direção dela. Acertei no rabo, mano, por incrível que pareça. Depois demorei um tempão para entender o que tinha acontecido: eu tinha acertado o rabo da lagartixa, que só estava ali, na dela, curtindo um passeio pelo barranco. Dou esses azares, saca? Mandei na hora o meu vizinho ir para a casa dele e joguei todos os chumbinhos fora, que também me amarro num teatro. Depois a minha mãe disse que o rabo da lagartixa se regenera, mas não sei se é verdade ou se ela estava dizendo isso para me animar, porque passei uns dias me sentindo um cara qualquer nota total.

Aí aposentei a espingarda por quase um mês.

Às vezes ajudo a minha mãe. Principalmente aos sábados, que é quando ela traz umas revistas e uns vídeos para casa e me pede pra desenhar as roupas que ela curte, fazendo umas transformações meio inusitadas, que a minha mãe tem uma criatividade sinistra. Mas não sabe desenhar, ou tem preguiça. A gente assiste a uns filmes, às vezes filmes que a gente já viu e tal, tipo *Bonequinha de luxo*, para a minha mãe se inspirar e já ir me passando umas ideias, que vou botando no papel, e também assistimos a muitos desfiles de moda, que ela arranja com a sócia da confecção. Eu curto ajudar a minha mãe, apesar de não curtir exatamente desenhar roupa nem molde, que na real é uma parada ainda mais bizarra. E apesar de achar desfile de moda um troço deprimente pra burro.

Mas é maneiro ver como a minha mãe fica absorvida na parada, meio como uma criança com as suas peças de Lego ou seu quebra-cabeça, sei lá, aquilo vira o mundo ou a única coisa do mundo ou a coisa mais importante do mundo. É bizarro. Acho que só fico absorvido desse jeito quando estou vendo filme de sacanagem, porque a minha concentração em geral é meio nula. Mas com filme de sacanagem fico ligado e parece de fato que aquilo é a única coisa do mundo.

No sábado, geralmente alugo uma ou duas fitas, que vejo depois que todo mundo vai dormir, porque o vídeo fica na sala. Então tenho que esperar até a meia-noite e tal para botar o filme, mas não ligo, porque isso é um bom sábado. O mau sábado é aquele em que não consigo me livrar e tenho que ir à boate do clube da cidade, encher a cara de vodca, porque detesto cerveja, e dançar até as três da madrugada, enquanto a galera se agarra pelos cantos.

Eu me amarro em filme de sacanagem. Pra ser sincero, tenho quase um ritual na hora de ver e tal, tipo deitar no sofá com os dois controles, da televisão e do vídeo, para o caso de alguém aparecer, embora todo mundo saiba que estou ali vendo filme de sacanagem e não role recriminação nem nada, porque imagino que eles achem que faz parte de ser adolescente, mas de qualquer maneira me sinto megamal, talvez porque eles pensem que estou curtindo ver as mulheres sendo carcadadas e na real estou curtindo ver os homens carcando. Mas, depois que me ajeito no sofá com os controles, assisto à fita inteira, só muito de vez em quando apertando o FF se é uma cena de mulher com mulher ou se o cara não faz a minha na íntegra, tipo o Ron Jeremy, que é meio asqueroso, ou o John Holmes, que tem um bigodinho sinistro e um megapau que fica sempre duro pela metade, ou o